Dia 9 — Santa Vautrudis, Vulgarmente Chamada Santa Vaudru, Viúva

Santa Vautrudis, irmã de Santa Aldegundes, foi filha do conde Valberto e da princesa Bertila e sobrinha de Guadelano, *maire* ou mordomo do palácio. Nasceu por volta do ano de 626 naquela parte da Austrásia inferior que depois se chamou Hainaut.

Correspondeu sua educação a seu nobre nascimento e à eminente piedade de seus pais; e, advertindo na menina sua santa mãe Bertila aquelas admiráveis disposições para a virtude que tanto abreviam o caminho, não poupou diligência alguma para cultivar um coração e uma alma que o Senhor havia prevenido desde o berço com doces bênçãos de sua graça. Ouvindo Vautrudis com dócil atenção as lições de sua virtuosíssima mãe, estudava ainda com maior cuidado seus exemplos e os imitava. Tudo respirava cristandade na devota menina: seus modos, sua compostura, sua modéstia e até suas mesmas diversões. Não conhecia os adornos nem a profanidade senão para desprezá-los, e assim ignorava absolutamente as modas.

Sendo inseparável companheira de sua mãe, não se contentava só com ser testemunha de suas boas obras, mas também participava gostosa de suas penas.

A singular formosura de que estava dotada brilhava mais ao lado de sua virtude, e assim foi pretendida pelos primeiros senhores da província. Entre todos escolheram seus pais o conde Madelgário, um dos mais principais na corte do rei Dagoberto. Casou-se com ele e acreditou a experiência que Deus presidiu este matrimônio, porque se têm visto poucos no mundo mais iguais em tudo e, consequentemente, mais felizes.

Era filha de dois santos, irmã de outra, esposa de outro, e teve quatro filhos, Landry, Aldetrudes, Madelberta e Dentlin, que todos morreram em odor de santidade, como quase todos os demais daquela ditosíssima família.

Crescendo cada dia em perfeição nossa santa, não tardou em dar a gostar a seu marido a doçura da virtude, da qual lhe fizeram conceber tão alta estima seus exemplos. Como sua devoção não era nada sombria nem extremada, mas doce, humilde e sólida, fazia admirável impressão nos corações. Fê-la tão grande no de Madelgário que, desgostado do mundo, dedicou-se unicamente ao cuidado de sua salvação e a adquirir as virtudes próprias de seu estado. Havendo feito voto de perpétua continência por conselho de sua santa mulher, com o consentimento desta e com parecer de Santo Auberto, bispo de Cambrai, retirou-se ao mosteiro de Haumont, às margens do rio

Sambre; e nele tomou o hábito de monge com o nome de Vicente e chegou a tão heroica santidade que a Igreja celebra com culto público sua memória no dia 20 de setembro.

Três anos se manteve no século nossa Vautrudis depois que dele se retirou seu marido, ocupada toda no exercício de boas obras e na educação de suas filhas Aldetrudes e Madelberta, as quais deram desde então princípio àquela eminente virtude que com o tempo subiu a tão alto grau, sob a disciplina e governo de sua tia Santa Aldegundes. Mas, ainda que a virtude de nossa santa era tão extraordinária, todavia a chamava Deus a perfeição mais elevada, e assim lhe tinha destinadas aquelas cruzes e trabalhos que haviam de franquear-lhe o caminho para ela.

Representou-lho em sonhos São Gauguerico, bispo de Cambrai, brindando-a com um cálice que trazia na mão e exortando-a a que prosseguisse com alento o caminho da perfeição que havia empreendido e a que renunciasse inteiramente ao mundo. Tendo confiado esta visão, não sem alguma facilidade, a algumas pessoas indiscretas, tomaram daqui ocasião, e até fizeram assunto, para mortificá-la no vivo, fazendo chacota de suas visões. Como a modéstia, a inocência e a elevada virtude daquela jovem senhora eram uma muda, mas incômoda censura da licença com que viviam tantas mulheres mundanas e tanto número de libertinos, não se pode explicar o aplauso com que eram recebidos nas rodinhas os graciosos contos que se forjavam sobre suas supostas revelações. A dissolução encontra sempre não sei que secreta complacência em persuadir-se de que a virtude dos bons é pura fachada; e triunfa quando a pode caluniar ou censurar com sucesso. Logrou-o nesta ocasião. Todo o mundo se desenfreou contra a serva de Deus; os nomes de hipócrita ou de iludida eram os menos injuriosos ou os mais moderados com que a tratavam. Dizia-se que os extraordinários rumos de perfeição por onde até então havia afetado caminhar eram lastimosos extravios; que todas as obras de misericórdia em que se exercitava eram artificiosas exterioridades para fascinar o público; que aquele aparato de modéstia e compostura era um formoso véu para encobrir melhor seus vícios e sua dissolução.

Facilmente se pode compreender quão sensível seria para uma senhora virtuosa, jovem e da primeira nobreza uma calúnia de tão vergonhosa espécie, e sobretudo tão mal fundada. Sentiu Vautrudis toda a sua amargura, mas resolveu tomá-la a peito sem o menor lenitivo. Não buscou outro consolo que aos pés de Jesus crucificado e encomendou toda a sua justificação à paciência. Esta cruel perseguição não só serviu para purificar sua virtude, mas também para que acelerasse sua antiga resolução de retirar-se inteiramente do mundo. Executou-o com parecer de São Guislano, seu confessor, por cujo conselho determinou edificar uma celazinha sobre o monte de Castriloc, onde pudesse passar o resto de seus dias em oração e em silêncio.

Não deliberou um momento Santa Vautrudis. Valeu-se de um senhor chamado Hidulfo, parente seu, que também é venerado como santo, para comprar o lugar, encarregando-lhe que fizesse edificar nele uma celazinha onde pensava passar o que lhe restava de vida em exercícios de penitência. Fez Hidulfo mais do que lhe havia sido pedido, porque mandou edificar uma casa suntuosa; mas a santa não quis viver nela, e o céu autorizou poucos dias depois sua delicadeza, porque um furioso furacão lançou por terra aquele soberbo edifício até os fundamentos. Escarmentado e advertido Hidulfo com este acidente, seguiu em tudo a planta que lhe havia dado nossa Vautrudis e dispôs que se fabricasse uma estreita cela com sua capela, onde foi encerrar-se a santa depois de haver recebido o sagrado véu das mãos de Santo Auberto, bispo de Cambrai.

Cheia de imponderável consolo ao ver-se retirada do bulício do mundo, não cuidou mais que de aperfeiçoar-se no exercício das mais heroicas virtudes. Seu jejum era contínuo; apenas interrompia a oração senão com alguns instantes de sono sobre uns molhos de sarmentos; mortificava seu delicado corpo com rigorosas penitências; e seu amor a Deus fazia de seus olhos duas perenes fontes de lágrimas. Mas nem em seus modos nem em seus costumes se descobria o rigor de sua penitência, porque sempre se a via cheia de afabilidade, de doçura e de caridade para com todo o mundo. A voluntária pobreza a que se havia reduzido não a estorvava de encontrar arbítrios para socorrer todos os pobres que recorriam a ela. Em seu retiro não estava ociosa; mas uma virtude tão sobressaliente não podia deixar de excitar a raivosa inveja do inimigo da salvação. Não perdoa a tentação às grandes almas, e nossa heroica reclusa experimentou logo seus efeitos.

Apoderou-se de seu espírito um mortal tédio ao retiro, enchendo de amargura seu coração. A oração, o silêncio, a estreiteza daquela pobre cela, tudo se lhe fazia insuportável. A memória do que havia sido no mundo, as boas obras que fazia nele, a doçura de uma honesta e cristã liberdade, seus juvenis anos, a esperança bem fundada de uma longa vida, a delicadeza de sua compleição e a nenhuma robustez de sua saúde: tudo concorria para fazê-la titubear em sua resolução, tudo a inclinava a voltar ao século, tudo advogava em favor do amor-próprio. Bem necessitou de grandes e poderosos auxílios para resistir a tão forte como dissimulada tentação; concedeu-lhos o céu, e correspondeu ela com valor e com fidelidade. No meio destas turbações, securas e desconsolos, recorria à oração, renovava muitas vezes ao dia seus propósitos, fazia outros de novo, mortificava-se mais e mais dobrando as penitências. Depois de Deus colocava toda a sua confiança em sua dulcíssima Mãe, a quem professava uma devoção ternísima, e esta Senhora lhe alcançou de seu Filho novos e muito eficazes auxílios. Combateu, pelejou, triunfou; dissiparam-se as névoas, acalmou a tormenta, serenou o tempo; e, vitoriosa nossa santa de todo o inferno pela graça do Redentor, gozou tranquilamente dos doces frutos de sua fidelidade.

Espalhou-se por todas as partes a fama de sua virtude, e muitas servas de Jesus Cristo, movidas do exemplo de Vautrudis, concorreram a pôr-se debaixo de sua direção. Cedeu à caridade o amor do retiro, e em pouco tempo a que era uma pobre celazinha viu-se convertida em convento. Como se observavam mais de perto os exemplos de Vautrudis, faziam maior impressão e eram mais copiosos os frutos que produziam. A devoção mais exemplar, a observância mais exata, o espírito de penitência mais constante e mais fervente foram desde logo o caráter e o elogio daquela religiosa comunidade, que passou com o tempo a ser um célebre cabido de cônegas; e aquele mosteiro, tão reduzido e tão pobre em seus princípios, viu-se depois cercado de uma cidade considerável, que é hoje a capital da província do Hainaut, cuja fundação se deveu à veneração, à memória e às preciosas relíquias de Santa Vautrudis.

Havendo vindo visitá-la sua irmã Santa Aldegundes, abadessa do mosteiro de Maubeuge, vendo a pobreza do de Vautrudis e a cortedade de suas rendas, instou-a muito para que fosse com ela e se retirasse a Maubeuge com suas filhas. Agradeceu-lho nossa santa; mas não o aceitou, porque as razões que alegava para tirá-la de Mons eram pontualmente as que com maior gosto a detinham nele. Amava muito os rigores da penitência para que quisesse evitar as incomodidades da casa; e o mesmo Senhor se dignou autorizar com um milagre o acerto desta determinação. Tendo saído um dia a passear as duas santas irmãs e havendo-se afastado do mosteiro mais do que costumavam, ao voltar do passeio acharam já fechadas as portas; mas, apenas chegou a elas

Santa Vautrudis, abriram-se por si mesmas. Favoreceu-a Deus com o dom de milagres; e teve o consolo de ouvir da boca de um anjo que seu nome e o de sua irmã Santa Aldegundes estavam escritos no livro da vida. Desde que mereceu esta revelação, aumentou mais e mais os rigores de sua penitência. Finalmente, cheia de graças e de merecimentos, alcançou de Deus que a tirasse deste mundo no dia 9 de abril de 686, dois anos depois da morte de Santa Aldegundes e perto dos sessenta de sua idade, havendo passado trinta em seu mosteiro, em cuja capela foi enterrada, fazendo o Senhor muito célebre seu sepulcro pela multidão de milagres que tem obrado nele pela intercessão da santa. A cidade de Mons a escolheu por sua padroeira, reconhecendo com razão que ao culto de Vautrudis e à fama de sua santa comunidade deve tudo o que é.

Santa Casilda, Virgem

Na desgraçada época em que, pelos pecados de nossos pais, castigou Deus a Espanha com o açoite dos agarenos, houve um rei deles chamado Cano, na capital de Toledo, homem cruel, poderoso e destro no manejo das armas, o qual, nas guerras contínuas que teve contra os fiéis, fez um grande número de cristãos prisioneiros, tratando-os em sua corte e reino com sua costumada desumanidade. Deste inimigo capital da fé ortodoxa quis Deus que nascesse Casilda, a qual, desmentindo o vício de sua origem com a beleza de seu natural e com suas piedosas inclinações, deixou-se ver sobre esta raiz infecta como uma flor de admirável candor, como uma fragrante rosa e formoso lírio entre os espinhos, descansando sobre ela o Espírito Santo.

Variam os escritores quanto ao motivo da conversão de Casilda à fé católica. Uns, dando-lhe por pai não a Cano, mas a Almenão, a atribuem à conversão de seu irmão Alimaimon, que, iluminado com luz superior, à vista do prodígio que lhe sucedeu na guerra contra os fiéis no vale de Solanillos, desertou da seita maometana e abraçou a Religião de Jesus Cristo. Outros são de opinião de que o Senhor premiou a santa virgem com o conhecimento da verdade, em remuneração das heroicas obras de caridade que fez com os cristãos cativos; cuja opinião concorda com as lições do breviário da santa Igreja de Burgos, impresso no ano de 1601 por ordem do bispo daquela catedral.

Nasceu, pois, Casilda no século XI, dotada com as mais belas e nobres disposições da natureza e com uma grande inclinação à virtude. Desde seus primeiros anos inclinou-se seu coração com terno afeto ao alívio e socorro dos cristãos cativos, derretendo-se em lágrimas quando via que padeciam alguma injúria, aflição ou grave necessidade; e, transbordando em seu peito uma piedade assombrosa, uma clemência extraordinária, ministrava-lhes quantos subsídios lhe eram possíveis.

Tinha todos os dias o louvável costume, a não impedi-lo algum acaso, de visitar com sua agradável presença os cativos e dar-lhes alimento por suas mãos. Achava-se escrita em seu coração aquela sentença de Davi: *Bem-aventurado o que atende ao pobre e necessitado, porque Deus o livrará no dia mau.*

Ensinada nesta máxima cardeal da caridade, não por algum dos mundanos, mas pelo Mestre imortal, portava-se em virtude dela com tanta liberalidade que distribuía aos cristãos as duas partes da renda concedida por seu pai para seu sustento e o de sua família.

Ainda que Casilda executava estes ofícios com a maior cautela, apesar de sua indústria chegou a entender seu pai a piedade que usava com os cristãos. Quis ser testemunha ocular das ações caritativas da filha para tomar a mais séria providência, estimulado pelos inimigos da fé; e, encontrando-a um dia que levava alimento aos fiéis, perguntou-lhe em tom irado que levava. «Rosas», respondeu Casilda sem a menor turbação; e com efeito viu seu pai convertido nestas flores o pão que havia de servir para sustento dos cativos; voltando as rosas a converter-se em pão, com não menor prodígio, logo que se ausentou o explorador.

Desenganada a santa donzela, por este trato com os cristãos cativos, dos erros da seita maometana, pedia ao Senhor incessantemente que lhe abrisse caminho para receber o batismo e professar livremente a verdadeira Religião. Ouviu Deus suas orações e quis premiar o heroísmo de sua caridade, valendo-se sua Providência de um sucesso bem estranho ao parecer, mas muito conducente para o logro de seus desígnios. Deu-lhe uma enfermidade incurável, de um fluxo de sangue contínuo, segundo escrevem vários autores; e, sendo ineficazes para seu alívio quantos remédios buscou o solícito pai e puderam discorrer os mais hábeis facultativos, ou por revelação divina ou por relação dos cativos cristãos, soube Casilda que o único eficaz remédio para sua cura seria banhar-se no lago de São Vicente, sito no lugar chamado Bureba, perto da cidade de Burgos, cujas águas tinham acreditada sua virtude com repetidos prodígios em iguais acidentes. Rogou a santa a seu pai que lhe concedesse permissão para passar àquele banho; mas, como se achava o lugar em poder dos cristãos, antes de resolver-se o pai, estimou conveniente propô-lo a seu conselho, o qual foi de parecer de que devia atender-se primeiramente à saúde da infanta, não obstante achar-se o remédio nos domínios dos fiéis.

Com este ditame enviou Cano Casilda, acompanhada de muitos cativos, ao banho de São Vicente, com recomendação especial para Fernando I, chamado o Magno, rei de Castela, que a recebeu com a honra correspondente; e, posto o remédio em execução, conseguiu a santa virgem a apetecida saúde.

Reconhecida Casilda aos benefícios de Deus, quis dar-lhe provas de sua gratidão. Instruída perfeitamente nas inefáveis verdades da fé, recebeu o batismo e a confirmação, e com a graça destes sacramentos aquele espírito e valor que constitui os heróis da Religião. Vendo-se já em plena liberdade, pospôs os palácios e comodidades de seu pai a uma humilde ermida e pobre habitação, que fez construir perto do lago, onde reduziu toda a sua ocupação, impressas em seu coração as máximas da religião cristã, a uma contínua oração, a frequentes vigílias e a rigorosas penitências; e, abrasando-se cada dia mais e mais no amor de Jesus Cristo, consagrou-lhe sua pureza virginal. Seguiu por alguns anos com este teor de vida mais angélica que humana, sendo a admiração de todas aquelas regiões, tanto por sua eminente santidade como pelos assombrosos prodígios que se dignou Deus obrar por sua intercessão, até que, cheia de méritos, passou a desfrutar os prêmios da vida eterna.

Não convêm os escritores no dia e ano fixo de sua preciosa morte: uns o assinalam em 15 de abril do ano de 1050; outros em 9 deste mês do ano 1074, em cujo dia celebra a festividade desta gloriosa santa a Igreja de Burgos. Seu venerável corpo foi sepultado no mesmo lugar em que viveu santamente, de onde se trasladou depois, em 30 de julho de 1529, à preciosa urna onde hoje se venera; e, havendo-se enriquecido com suas relíquias, em 1601, a catedral de Burgos, repartiu este tesouro com a santa Igreja de Toledo em 7 de junho de 1641.

Martirológio Romano

Em Antioquia, São Prócoro, um dos sete primeiros diáconos, o qual, depois de haver-se feito célebre por sua fé e seus milagres, recebeu a coroa do martírio.

Em Roma, a festa dos santos mártires Demétrio, Concesso, Hilário e companheiros.

Em Sírmio, o martírio de sete santas virgens, que compraram a vida eterna com o preço de seu sangue.

Em Cesareia da Capadócia, Santo Eupsíquio, que foi martirizado no tempo de Juliano, o Apóstata, por haver demolido o templo da Fortuna.

Na África, os santos mártires masilitanos, cujo panegírico pregou Santo Agostinho no dia de sua festa.

Em Amida, na Mesopotâmia, Santo Acácio, bispo, o qual, para resgatar os cativos, fez fundir e vender até os vasos sagrados da igreja.

Em Ruão, São Hugo, bispo e confessor.

Em Die, no Delfinado, São Marcelo, bispo, célebre por seus milagres.

Na Judeia, Santa Maria, mulher de Cléofas, irmã da santíssima Virgem, Mãe de Deus.

Em Roma, a trasladação do corpo de Santa Mônica, mãe de Santo Agostinho, que no pontificado de Martinho V foi levado de Óstia a Roma e colocado honrosamente na igreja do mesmo Santo Agostinho.

Em Mons, no Hainaut, a bem-aventurada Valtruda, memorável por sua santa vida e milagres.

Missa (oração)

A missa é da dominica precedente, e a oração da santa é a seguinte:

> **Latim:** *Exaudi nos, Deus salutaris noster, ut sicut de beatæ Valdetrudis festivitate gaudemus, ita piæ devotionis erudiamur affectu. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que sois nossa salvação, ouvi nossas súplicas, para que, assim como nos alegramos na festividade da bem-aventurada Vautrudis, assim também recebamos o fervor de uma santa devoção. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 3 do apóstolo São Paulo aos Colossenses.

Colossenses 3,17-23

> **Latim:** 17 Omne, quodcumque facitis in verbo aut in opere, omnia in nomine Domini Jesu Christi, gratias agentes Deo et Patri per ipsum. 18 Mulieres, subditæ estote viris, sicut oportet, in Domino. 19 Viri, diligite uxores vestras, et nolite amari esse ad illas. 20 Filii, obedite parentibus per omnia : hoc enim placitum est in Domino. 21 Patres, nolite ad indignationem provocare filios vestros, ut non pusillo animo fiant. 22 Servi, obedite per omnia dominis carnalibus, non ad oculum servientes, quasi hominibus placentes, sed in simplicitate cordis, timentes Deum. 23 Quodcumque facitis, ex animo operamini sicut Domino, et non hominibus :

Português: 17 Tudo quanto quer que fizerdes, seja de palavra ou de obra, fazei tudo isso em nome do Senhor Jesu Christo, dando por elle graças a Deos, e Padre. 18 Casadas, estai sujeitas a vossos maridos, como convem, no Senhor. 19 Maridos, amai a vossas mulheres, e não nas trateis com amargura. 20 Filhos, obedecei em tudo a vossos pais: porque isto he agradavel ao Senhor. 21 Pais, não provoqueis a indignação a vossos filhos, para que se não faça de animo apoucado. 22 Servos, obedecei em todas as cousas a vossos senhores temporaes, não servindo só na presença, como por agradar a homens; mas com sinceridade de coração, temendo a Deos. 23 Tudo o que fizerdes, fazei-o de boamente, como quem no faz pelo Senhor, e não pelos homens:

Nota

«Era Colossas uma cidade da Frígia, parte da Ásia Menor. Nunca havia pregado nela São Paulo; mas, tendo vindo a Roma Epafras, natural de Colossas, a visitar o Apóstolo quando já estava no

cárcere, informou-o dos maravilhosos progressos que fazia nela o Evangelho e do medo que tinha de que alguns falsos doutores alterassem a pureza de sua fé. Isto obrigou São Paulo a escrever desde a mesma prisão esta epístola no ano de 62.»

Reflexões

Omne quodcumque facitis in verbo, aut in opere, omnia in nomine Domini Jesu Christi. Tudo quanto fizerdes, quer por palavras, quer por obras, fazei-o tudo em nome de Jesus Cristo. Esta é a ideia mais cabal da vida cristã; por estes frutos se há de conhecer a árvore; pelas palavras e pelas obras se hão de distinguir os cristãos. Mas reconhecer-se-ão hoje por estes sinais muitos cristãos dentre os que se chamam fiéis? Boas palavras sem boas obras é hipocrisia; boas obras sem boas palavras costuma ser covardia indigna e vergonhosa. Pois quê? Havemos de envergonhar-nos do Evangelho? *Omnia in nomine Domini Jesu Christi.* Tudo se há de fazer em nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Queixamo-nos do mau sucesso de nossas empresas, de que trabalhamos sem fruto, das calamidades públicas.

E bem, quem terá a culpa? Queremos nós ser os únicos artífices de nossa fortuna, e o somos de nossas desditas. Em nome de quem trabalhamos? Consultamos primeiro a Deus em tudo? Este Senhor deve ser o primeiro motivo e o primeiro móvel de nossos projetos e de nossas grandes ideias; mas que parte tem em coisa alguma do que fazemos? Faz-se e diz-se em nome de Jesus Cristo tudo quanto se diz e tudo quanto se faz?

Desígnios grandes, resoluções ousadas, empresas árduas, negócios espinhosos, comércio arriscado, trabalhos imensos, fortunas brilhantes: *In quo nomine hæc fecistis?* Em nome de quem empreendeste ou fizeste o que acabas de fazer? Atrever-te-ias a responder que em nome de Jesus Cristo? Mas não te desmentiria teu próprio coração e tua própria consciência? Há porventura hoje outro móvel de todos os passos que se dão que a ambição, o orgulho, a paixão, o interesse e o deleite? Há outra regra de todas as ações da vida que a desordem do coração e o desnível do espírito? A paixão inspira os primeiros pensamentos, ela os conduz e ela põe em execução todos os meios que julga proporcionados para conseguir seus fins. A paixão é a alma de todos os nossos movimentos, e os que ela não anima saem lânguidos e desmaiados. Depois disto nos admiraremos de que com tal guia andemos descaminhados e de que em tal escola só aprendamos a chorar! Admirar-nos-emos de que um edifício que não tem outro alicerce dê consigo em terra e sepulte em suas ruínas os que confiam nele! Onde reina uma prudência puramente humana, bem se podem esperar reveses, transtornos e lastimosas revoluções. São suas luzes muito limitadas, são muito fracos seus alicerces, suas medidas muito falsas para prevenir todos os acidentes e para pôr-nos a coberto dos perigos. Nada façamos que não seja em nome de Jesus Cristo; sejam sua vontade e sua glória o primeiro motivo de todas as nossas ações, e então o interessaremos em nossa proteção e em nossa defesa. Tudo quanto fizermos será então vantajoso, sólido e proveitoso, porque tudo será meritório. Gozaremos de uns dias plenos e não nos afanaremos vãmente em cavar cisternas secas. Façamos todas as coisas para maior glória de Deus e em nome de Jesus Cristo, e a mesma desconfiança em nossa própria virtude será nossa maior força, porque

empenhará o Senhor em suprir nossa fraqueza e nossa necessidade. É poderoso o mais desvalido, é opulento o mais pobre, quando pode seguramente contar com este riquíssimo fundo. Pois, quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei-o tudo para maior glória de Deus [^1].

Evangelho

O evangelho é do capítulo 10 de São Mateus.

Mateus 10,37-38

> **Latim:** 37 Qui amat patrem aut matrem plus quam me, non est me dignus : et qui amat filium aut filiam super me, non est me dignus. 38 Et qui non accipit crucem suam, et sequitur me, non est me dignus.

Português: 37 O que ama o pai, ou a mãe mais do que a mim, não he digno de mim: e o que ama o filho, ou a filha mais do que a mim, não he digno de mim. 38 E o que não toma a sua cruz, e não me segue, não he digno de mim.

Meditação

Do bom uso dos trabalhos e das cruzes

Primeiro ponto

Considera que em vão se foge das cruzes e dos trabalhos, porque em todas as partes se acham. Não há condição, não há estado que não os produza. Cada um leva sua cruz; até sobre o mesmo trono crescem, e não costumam ser as menos visíveis as que menos pesam. Assim, pois, toda a nossa aplicação deve empregar-se em aproveitar-nos bem delas.

Não é verdade que os trabalhos sejam desgraças e adversidades; antes podem servir-nos de grandíssimo proveito, se sabemos usar deles. De si são um admirável contraveneno; mas facilmente podem converter-se em peçonha.

Tu sofres quase as mesmas penas que padeceram os santos, e só pelo bom uso que fizeram delas chegaram a uma santidade eminente: muitos réprobos padeceram neste mundo tanto como os maiores santos: as mesmas contradições, as mesmas calúnias, as mesmas ingratidões, as mesmas perseguições; mas, como não tiveram os mesmos motivos nem a mesma paciência, foi muito diversa sua sorte. Que fruto tiraste de tuas cruzes e trabalhos? Nada há tão salutar para as

enfermidades da alma como sua amargura; mas é mister receber os trabalhos com resignação. Naqueles mesmos rios do Egito em que os israelitas bebiam águas puras e cristalinas, os egípcios não achavam mais que sangue; os rios eram os mesmos, mas o espírito com que buscavam a água era muito diferente.

Com que disposição de coração e de espírito recebes as cruzes que te envia Deus? Ordinariamente se consideram como sinais de sua indiferença ou de sua cólera, sendo assim que sempre e em todas as ocasiões são provas sensíveis de seu paternal amor. O mesmo fogo que reduz as palhas a cinza purifica o ouro e o faz mais resplandecente. Não se te pedem novas cruzes, novas mortificações, maiores penitências; contenta-se Deus com que recebas de sua mão com espírito de penitência os trabalhos que sofres em tua família, em teu emprego e em teu estado. Não quer que te empenhes, por assim dizer, em novos gastos; só deseja que te aproveites dos que fazes, sofrendo com paciência e com cristã resignação o que padeces. Que dor, grande Deus, a de não haver-se aproveitado das cruzes!

Segundo ponto

Considera que é muita desgraça estar padecendo sempre e perder o fruto do que se padece. Pois esta é pontualmente a sorte dos que não sabem aproveitar-se das cruzes nem recebê-las com o espírito com que o Senhor as envia. Não só perdem o fruto, mas aumentam o peso: não se perde gota da amargura que trazem consigo os trabalhos quando se levam com impaciência e com enfado.

Se fossem verdadeiros males as adversidades, não as teria semeado em todos os caminhos e em todos os estados o mesmo Jesus Cristo, aquele soberano médico, aquele benéfico mestre, aquele amoroso pai. Não há nelas outro mal que a má disposição com que as recebes: tira esta, e cessará toda a amargura. Quando os humores estão destemperados, parecem amargos os manjares mais doces.

Essas mesmas cruzes de que tanto te queixas foram as delícias dos maiores santos. Não houve nem sequer um entre todos eles que não tivesse reputado as enfermidades, a perda dos bens, as desgraças e todas as calamidades da vida como sinais certos de predestinação; e com efeito o foram para os que souberam aproveitar-se delas. Em tua mão está que sejam o mesmo para ti. Além disso, são um copioso manancial de merecimentos; em pouco tempo se faz rico para o céu o que com tudo sabe fazer comércio. Grande exemplo disto nos apresenta hoje Santa Vautrudis.

São as cruzes o veneno mais ativo para o amor-próprio. Poucas armas há melhores para vencer os inimigos de nossa salvação. A força, diz São Paulo, aumenta-se com a fraqueza: por isso me comprazo nos opróbrios, nas misérias, nas perseguições, nas grandes pesadumes que padeço por Jesus Cristo; porque, quando sou fraco, então sou forte [^2]. Na verdade, São Paulo não era menos delicado que nós; não sentia menos seus trabalhos, nem eram menos pesadas suas cruzes que as nossas; mas as recebia com outro espírito e com muito diferentes disposições. Não consiste a felicidade desta vida em não ter cruzes, mas em saber levá-las.

E como tenho levado eu até agora, Deus meu, as que vós me haveis enviado? Igualmente me tenho esquecido, assim da doutrina que me ensinastes sobre o bom uso dos trabalhos como do exemplo que me destes. Conheço, Senhor, o muito que tenho perdido nisto. Mas ao fim me consolo com que ainda não se esgotou todo o cálice; ainda tenho que padecer, pois por vossa misericórdia ainda tenho que viver. Com o auxílio de vossa graça começo desde agora a olhar com outros olhos as adversidades; resolvido já a recebê-las como sinais de vosso amor, também o estou a aproveitar-me delas como de meios eficacíssimos para minha eterna salvação.

Jaculatórias

> *Si bona suscepimus de manu Domini, mala quare non suscipiamus?* Jó 2.

Se tenho recebido da mão amorosa de meu Deus tantos bens, por que não receberei com o mesmo espírito os males que me envia para meu bem?

> *Castigasti me, Domine, et eruditus sum.* Jr 31.

Castigaste-me, Senhor, por meus pecados: seja bendita tua misericórdia, pois desta maneira aprendi a servir-te e a não ofender-te.

Propósitos

1. Posto que não há coisa mais comum em todos os estados e em todas as condições da vida que as cruzes, é importantíssimo saber aproveitar-se delas. É este um fruto que se cria em todos os climas e que se dá em todas as terras; mas conhecem poucos o que merece e o que vale. Aos enfermos parece-lhes amargo, e o desacreditam; e o mal que o sabem temperar os que não conhecem a virtude autoriza a errada opinião que se tem dele. As cruzes se multiplicam quanto mais se quer fugir delas, e seus espinhos picam mais ao que faz mais diligências para arrancá-las. O grande segredo é tratá-las sem medo, até que se criem calos para não senti-las. Todos podem saber este segredo, que consiste em considerar as adversidades da vida como castigo ou remédio, e muitas vezes como carinho de Deus, que nos trata como tratou seus maiores amigos e seu Filho muito amado: *Qui Filio suo non pepercit.* Aos verdadeiros cristãos pouco pode custar descobrir este mistério. Seus olhos penetram mais além da casca e não julgam da virtude do fruto pela formosura aparente. Começa desde hoje a instruir-te numa faculdade que te possa servir de tanto proveito. Não olhes já as que se chamam desgraças, misérias, dores, trabalhos, pesadumes, adversidades, senão como regalos do céu; pois, em favor das luzes da fé, não as descobrirás com outro nome. Se

te consideras como pecador, tens um juiz; se como enfermo, um médico hábil; se como servo fiel, um amo liberal. Impõe-te como lei receber todos os contratempos, ou como penitência por teus pecados, ou como remédio de teus achaques espirituais, ou como graças muito adequadas para que ascendas a uma eminente santidade; e logo que te suceda alguma adversidade, prostra-te em terra para render graças ao céu por tão grande benefício; beija ternamente o crucifixo em testemunho de que recebes de boa vontade aquela mortificação, e dá uma esmola ao primeiro pobre que encontrares em prova de teu agradecimento.

2. Não basta receber as cruzes com espírito e coração cristão; é mister que o exterior corresponda também ao interior; e para isto observa os documentos seguintes. Primeiro: esforça-te por mostrar o semblante mais sereno, o gesto mais aprazível e todos os modos mais alegres e mais festivos no dia em que receberes alguma mortificação. Segundo: procura, no que seja possível, não repreender nem corrigir ninguém neste dia, porque é fácil que a amargura do coração se comunique à língua. Terceiro: se buscas algum consolo, seja aos pés de Cristo crucificado ou em presença do santíssimo Sacramento, repetindo aquelas palavras de Davi: *Bonum mihi, quia humiliasti me* [^3]: nenhuma coisa me convém mais que esta humilhação. *Benedico te, Domine Deus Israel, quia tu castigasti me, et tu salvasti me* [^4]: sede, meu Deus, eternamente louvado, porque me castigastes e me salvastes. *Domine, fortitudo mea, et refugium meum in die tribulationis* [^5]: o Senhor é minha fortaleza e todo o meu consolo no dia da tribulação. Quarto: visita os pobres no hospital e consola alguma pessoa atribulada com razões puramente cristãs, dando-lhe a conhecer o mérito e o inestimável valor dos trabalhos. Esta espiritual indústria serve muito para fortalecer e para tranquilizar um coração aflito.

[^1]: 1 Cor 10. [^2]: No original há aqui uma chamada de nota, cujo texto não aparece na digitalização. A passagem é de 2 Coríntios 12,10. [^3]: Sl 118. (O OCR traz «418».) [^4]: Tb 11. [^5]: No original há aqui uma chamada de nota, cujo texto não aparece na digitalização. A citação é de Jeremias 16,19.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:46:55 by Admin
Updated 20 November 2026 20:46:56 by Admin